



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8878 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

ENCONTRAR, CONECTAR E APRENDER: MOVIMENTOS DE UM CURRÍCULO-MUSEU COM GÊNERO

Cláudio Eduardo Resende Alves - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

ENCONTRAR, CONECTAR E APRENDER: MOVIMENTOS DE UM CURRÍCULO-MUSEU COM GÊNERO

Resumo: Este texto é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado em Educação, realizada entre 2019 e 2020, que investigou as interseções teórico-metodológicas entre os estudos pós-críticos de currículo e gênero nos acervos de alguns museus da cidade de Belo Horizonte/MG. As questões norteadoras da pesquisa foram: O que se ensina e o que se aprende sobre gênero no museu? Como um currículo-museu pode produzir conexões na abordagem de gênero? Nos encontros com os chamados (des)objetos dos museus foram utilizadas as metodologias do diário de campo e da observação participante das visitas de docentes e discentes. Neste recorte da pesquisa, foi escolhido o (des)objeto museal boneca de cerâmica do Centro de Arte Popular como elemento problematizador na pesquisa teórica e empírica. O estudo indica que um currículo-museu pode oportunizar encontros e propiciar conexões no aprender sobre gênero, sinalizando a relevância de uma prática curricular acolhedora de diferentes leituras de mundo que acontecem em diferentes territórios.

Palavras-chave: currículo, gênero, museu

Introdução: o contexto da pesquisa

Na pesquisa-intervenção, o museu foi concebido como um currículo, ou seja, um artefato cultural que ensina, educa, prescreve saberes e produz determinados tipos de sujeitos (PARAÍSO, 2018), podendo acontecer em diferentes territórios. Um desses territórios é o museu. Um currículo-museu propõe instigar leituras de mundo por meio de encontros de corpos díspares, múltiplos e heterogêneos (TADEU, 2002) com o acervo. Como um espaço educativo não formal, o museu propicia interações não hierarquizadas de saber com o acervo que podem operar deslocamentos no aprender. A fim de acionar o currículo-museu foram concebidos os chamados (des)objetos museais. Inspirado pelo poeta Manoel de Barros (2015), (des)objetos são entendidos como um exercício discursivo de produção de estranhamentos no museu, desformatando e desalinhando objetos musealizados no intuito de colapsar o olhar ontologicamente acostumado de gênero que neles reside.

No contexto investigado, gênero é lido como uma categoria de análise de (des)objetos

museais, sendo construído por meio de relações de poder e do discurso. Como efeito de normativas que não só produzem, mas que também regulam (BUTLER, 2018) corpos e sujeitos, a linguagem é um elemento significativo na produção de feminilidades e masculinidades. Sendo uma prática discursiva e performativa (PRECIADO, 2020), gênero produz tanto inteligibilidade social, quanto reconhecimento político a partir de instituições, normas e convenções. O museu, como uma instituição, produz suas próprias normas de gênero, implícita ou explicitamente, na escolha de peças do acervo, na construção de trajetos de mediação, na curadoria de exposições, na seleção de artistas, na composição de sua equipe de profissionais e na criação de ações e materiais educativos.

Os estudos no campo da museologia social (VAQUINHAS, 2014; RECHENA, 2014) com suas metodologias interdisciplinares, têm buscado abranger a discussão das relações de gênero nos espaços museais. Tais estudos problematizam questões como a universalidade do sujeito masculino, as escolhas dos bens patrimoniais representativos de memórias de mulheres e as relações e experiências estabelecidas por homens e mulheres com e nos museus.

O argumento desenvolvido na pesquisa-intervenção é de que encontros e conexões realizados com (des)objetos do museu podem produzir afetos e evidenciar potências no aprender (TADEU, 2002) sobre gênero. A intenção é repensar o museu como uma experiência possível, viva e em movimento, produzindo deslocamentos nas práticas e nos discursos de gênero produzidos e reiterados no e pelo museu.

Metodologicamente, foram utilizados um diário de campo (WEBER, 2009) e a observação participante do cotidiano de doze visitas de discentes e docentes de diferentes instituições de ensino aos espaços museais. Entre 2019 e 2020, o pesquisador de Pós-Doutorado em Educação saiu à procura de encontros, momentos, reflexões e discursos em que as normas de gênero fossem colocadas em xeque. Nessa imersão, foi utilizada a pedagogia do letramento museal (ALVES e SOUZA, 2017) por ser uma alternativa para estabelecer relações de criação e reinvenção no aprender. Esse tipo de letramento procura compreender as funções sociais de um espaço e de seu acervo, considerando suas complexas habilidades linguísticas. Vivenciar o letramento museal é promover práticas sociais de linguagem para compreensão de mundo e produzir narrativas não discriminatórias no museu.

Neste resumo expandido, foi escolhido o (des)objeto boneca de cerâmica que integra o acervo do Centro de Arte Popular de Belo Horizonte/MG para ilustrar as possibilidades do aprender sobre gênero em um currículo-museu. A escolha do referido espaço é decorrente do Programa Institucional Circuito de Museus da Secretaria Municipal de Educação (ALVES e SOUZA, 2017) que, desde 2013, desenvolve atividades formativas com docentes e discentes em parceria com as equipes do setor educativo de diferentes espaços museais da cidade de Belo Horizonte.

Centro de Arte Popular de Belo Horizonte: o *lócus* investigativo

O Centro de Arte Popular de Belo Horizonte é um espaço museal que apresenta um amplo conjunto de obras que privilegiam a riqueza, a cultura e a diversidade das manifestações populares, valorizando o trabalho de criadores/as que traduzem no barro, na madeira e em outros materiais seus universos artísticos. O espaço tem por objetivo divulgar a pluralidade e a diversidade da cultura mineira, dinamizando a produção, o consumo e a fruição artística, além de ser um poderoso agente de inclusão social.

Construído originalmente em 1920, o prédio que abriga o Centro de Arte Popular foi, em

2012, adaptado para atender o público, levando-o a conhecer obras de artistas de várias regiões mineiras, como o Vale do Jequitinhonha, Cachoeira do Brumado, Divinópolis, Prados, Ouro Preto e Sabará. O edifício possui salas de exposição permanente e uma sala específica para exposições temporárias, além de um auditório, um espaço para oficinas de arte do setor educativo e um pátio interno destinado a um projeto de grafites.

(Des)objeto Boneca de Cerâmica: algumas conexões com gênero

A boneca de cerâmica foi deslocada da dimensão de um objeto musealizado para o *status* de um (des)objeto e, assim, interpelada em conversações sobre as conexões de gênero possíveis. A boneca escolhida tem tamanho médio, pele clara e cabelos pretos soltos sobre os ombros, seu batom demarca bem a boca, as bochechas são levemente coradas, traça um vestido comprido com alças que simula uma renda na cor branca. Nos quesitos vestimenta e maquiagem, a boneca cumpre bem a “gramática da feminilidade” (PRECIADO, 2020, p. 67). De pé com um olhar lacônico fixo no horizonte, ela não está alegre, nem triste, dando a impressão de uma mulher jovem, tímida, interiorana e de poucas palavras¹.

Numa visita de um grupo de docentes de uma escola particular ao Centro de Arte Popular, a conversação disparou possibilidades de conexões com gênero. Uma professora disse ter adorado a boneca, pois lembrava muito sua filha quando era pequena: “Nossa, a Clara adorava boneca, tinha muitas, brincava o dia inteiro com elas, mas o Arthur [seu outro filho] as vezes brincava também, mas escondido”. “Por que escondido?” perguntou rapidamente outra professora. “Meu marido é muito bravo”, respondeu a primeira. Neste momento, a conversa se ampliou com a participação de outras/os professoras/os, sendo aproveitada pelo educador do espaço museal para debater gênero, família e preconceito².

No registro da conversação, a professora deixa claro que as fronteiras no brincar de boneca pode dizer dos lugares prescritos de gênero na infância que, no senso comum, têm efeito nas subjetividades adultas. Muito associado ao exercício do cuidado, a boneca remete ao feminino o que acaba deixando o masculino numa encruzilhada por lhe ser interdito brincar de boneca, daí ser uma atividade escondida da família. Como um (des)objeto museal, a boneca de cerâmica pode despertar reflexões sobre os ditos, interditos e não ditos sobre gênero (ALVES, 2020) na infância. Assim, o currículo-museu como uma construção dialógica coletiva e como um conector de saberes e de leituras de mundo pode afirmar a potência da vida (PARAÍSO, 2019).

Outra conversação de uma visita docente merece destaque: Um professor perguntou à educadora se todas aquelas bonecas em exposição tinham sido produzidas por mulheres. A educadora respondeu com um desafio: “Vamos olhar a autoria de cada boneca e depois conversamos de novo”. Todos/as aceitaram o desafio e começaram a atividade. Ao final de um tempo, o grupo chegou aos seguintes números: das 58 bonecas do acervo, 43 tinham sido produzidas por mulheres e 15 tinham sido produzidas por homens³. A educadora ao desafiar o grupo, abriu outras possibilidades do ensinar e do aprender no museu.

A partir da reflexão sobre o universo do artesanato majoritariamente feminino, presente no espaço museal, outras reflexões se emendam, criando uma cadeia móvel de outros sentidos e outras leituras de mundo. No universo das artes plásticas a presença de mulheres artistas em grandes museus no mundo ainda é tímida. A maioria das exposições individuais e coletivas, curadorias de museus e galerias de arte, bem como a comercialização de obras de arte é bem demarcada por artistas homens (MAFRA, 2017). O coletivo internacional de feministas artistas *Guerrilla Girls*, desde 1980, luta pela igualdade de gênero no universo da arte e

questiona os acervos de museus de vários países sobre como a mulher está presente em tais espaços.

Nas conversações com o (des)objeto boneca, as peças de cerâmica produzidas por artesãos e artesãs dos municípios do Vale do Jequitinhonha abriram uma oportunidade para a reflexão sobre as relações de poder e saber (FOUCAULT, 1988) que interseccionam territórios geográficos, classe social, gênero e etnia. Como fica evidenciada nesse trecho de uma conversa de um estudante adolescente: “Eu sou do Vale [do Jequitinhonha], vim para BH quando era pequeno, mas lembro que muitos homens faziam cerâmica também, não era[m] só mulheres. Meu pai mesmo, precisava aumentar o dinheiro em casa, fazia peça para vender. Minha mãe fazia melhor que ele, até me ensinou um pouco”⁴.

O relato sinaliza que a demanda de renda para sustentar a família, em especial numa região do Estado de Minas Gerais castigada pela seca, é determinante no trabalho de produção de peças de cerâmica para vender, independentemente de gênero, o que coloca o marcador da classe social como principal fator. Outro marcador que pode ser interseccionado à classe social e ao gênero é a raça, uma vez que a maioria das mulheres produtoras de cerâmica na região do Vale do Jequitinhonha é negra, o que fica evidente em fotos das artesãs expostas na sala do museu.

A partir dos breves relatos, pode-se inferir que ao desobjetificar a boneca de cerâmica, num currículo-museu, e interpelá-la sobre as conexões de gênero foi possível aprender como algumas normas prescritas e proscrias de gênero (ALVES, 2020) mobilizam brincadeiras generificadas na infância. Foi possível aprender também sobre as assimetrias de gênero demarcadas no mercado profissional da arte e do artesanato. Por fim, vale ressaltar que as discussões das diferenças a partir do (des)objeto museal se deslocaram do plano dicotômico de gênero e invadiram outros territórios como raça, território geográfico e classe social.

Efeitos de um currículo-museu

A pesquisa-experimentação de um currículo-museu com gênero não possui resultados, ela possui efeitos. Dentre os múltiplos efeitos, podem ser destacados: 1. Viabilização de encontros potentes ao produzir deslocamentos no aprender com (des)objetos; 2. Vivência do museu de forma diferenciada da escola, ampliando possibilidades de práticas curriculares. 3. Operação de momentos de desestabilização e reflexão sobre normas de gênero e em como elas estão naturalizadas no discurso; e 4. Busca a coabitação entre diversos modos de existência no mundo.

Esta é a aposta de um currículo-museu com gênero, experienciar um museu como um espaço curricular vivo e em movimento permanente para ensinar e aprender com (des)objetos. Para tanto é preciso estar atento/a aos acasos e às surpresas da vida. O inusitado é parte fundamental desta pesquisa-experimentação. Estar aberto a acolher outras formas de ver, ler, relacionar e interagir com o acervo. Desformatar e desconstruir objetos musealizados, produzindo (des)objetos. Tomar rotas alternativas nos encontros potentes com o ensinar e o aprender em um currículo-museu. Uma abordagem curricular alargada que acontece em diferentes territórios da cidade e que comporta múltiplas vozes, múltiplos corpos e múltiplos sujeitos.

Referências

ALVES, Cláudio Eduardo Resende e SOUZA, Magner Miranda. **Educação para as relações de gênero: eventos de letramento na escola.** Curitiba: CRV, 2017.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Políticas públicas, gênero e currículo: notas para equidade. **Revista Educação em Questão.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 58, n. 58, out/dez, 2020.

BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber.** São Paulo: Graal, 1988.

MAFRA, Juliana Silveira. **O amargo humor da arte contemporânea.** Tese (Doutorado). 238p. Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves e CALDEIRA, Maria Carolina Silva (Orgs.) **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidade.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Uma vida de professora que forma professores/as e trabalha para o alargamento do possível no currículo.** Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RECHENA, Aida. Museologia social e de gênero. **Cadernos do CEOM**, ano 27, n. 41, 2014.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. **Educação e Realidade.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 27(2), jul/dez, p. 47-57, 2002.

VAQUINHAS, Irene. Museus do feminino, museologia de gênero e o contributo da história. **Museu e Estudos Interdisciplinares.** [on line] 3, 2014.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos,** Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez., 2009.

[1](#)Notas do diário de campo, Belo Horizonte, 18 de novembro de 2019.

[2](#)Notas do diário de campo, Belo Horizonte, 18 de novembro de 2019.

[3](#)Notas do diário de campo, Belo Horizonte, 07 de dezembro de 2019.

[4](#)Notas do diário de campo, Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2020.